

**MUITO PRAZER, SOU DYONÉLIO MACHADO,  
AUTOR DE *OS RATOS***

*Aline Pereira Gonçalves* (UERJ)  
[alinepg@yahoo.com.br](mailto:alinepg@yahoo.com.br)

O escritor gaúcho Dyonélio Machado (1895-1985) nunca recebeu muito espaço da crítica literária brasileira. Médico psiquiatra, estreou na ficção em 1927 com um livro de contos intitulado *Um Pobre Homem*, cuja edição foi custeada pelo próprio autor, após encontrar muita dificuldade para realizar a publicação através de uma editora. Em 1935, enquanto se encontrava preso devido a ligações suas com o Partido Comunista, o autor tinha seu livro de maior sucesso, *Os Ratos*, recebendo o Grande Prêmio de Romance Machado de Assis, da Companhia Editora Nacional, junto a outros três autores: Érico Veríssimo, Marques Rabelo e João Alphonso.

Segundo o próprio escritor (STEEN, 2008, p. 23-43), essa premiação não houvera sido surpresa, pois a informação vazara e ele soubera ainda em liberdade, por meios que não esclarece, não só a respeito da premiação iminente, como também de uma comparação, feita por um dos jurados, do seu texto com o do autor russo Dostoiévski – do qual era leitor entusiasmado –, o que muito lhe agradara.

A ideia do livro veio a Dyonélio Machado após um relato de sua mãe. O então jovem médico ouviu-a atentamente enquanto falava sobre uma severa insônia que a acometera alguns dias antes: não conseguia adormecer por medo de que ratos viessem roer-lhe uma quantia de dinheiro.

O caso sensibilizou-o, já que na história de sua família a escassez de recursos financeiros foi muito marcante, principalmente após a Primeira Guerra Mundial. O escritor gaúcho escreveu logo em seguida um conto, que acabou por considerar desprovido do espaço de que necessitava para transmitir o que queria. Após nove anos com essa ideia guardada em sua gaveta, escreveu em poucos dias – encorajado pelo colega Graciliano Ramos, a propósito do prêmio cuja primeira colocação acabaram por compartilhar – o romance de vinte e oito capítulos que hoje conhecemos, e que continua sendo constantemente reeditado.

Ao entrarmos em contato com uma sinopse de *Os Ratos*, isto é, o fato de tratar-se de uma narrativa sobre um trabalhador em situação financeira difícil que passa vinte e quatro horas perambulando pela cidade para conseguir a quantia que deve ao leiteiro antes que o fornecimento seja cortado, inevitavelmente vem à mente a possibilidade de termos em mãos uma leitura enfadonha, pouco envolvente, literariamente pobre. Isso porque o argumento, à primeira vista, pode parecer estéril e redutor. Contudo, o que chama atenção no livro em questão é justamente a bela construção literária que o autor faz em cima daquilo que parecia não poder dar bons frutos, logo, o modo como Dyonélio Machado trabalhou em cima de uma base que poderia não dar em nada. Como nos diz Davi Arrigucci Jr., “Trata-se de um romance breve, concentrado, surpreendente pela originalidade saída do mais prosaico, com perfeito equilíbrio entre os elementos psicológicos e sociais, explorados em profundidade, numa forma simbólica de longo alcance” (ARRIGUCCI, 2004, p. 200).

Logo, encontramos um Naziazeno que tem suas andanças narradas em terceira pessoa, o que poderia abrir espaço para profundas e amplas análises psicológicas de suas atitudes e pensamentos. Ao invés disso, temos a história apresentada aos olhos do leitor através da perspectiva do protagonista, o que pode ser ricamente observado nos momentos em que a fala/pensamento dele irrompe na narração sob a forma de discurso indireto livre.

Chamamos fala/pensamento porque por várias vezes não podemos nos assegurar de que ele esteja falando ou pensando aquela colocação que se nos apresenta. A mente de Naziazeno fica tão misturada à narrativa que vamos pensando junto com ele em nossa leitura silenciosa, e tal como pensamentos repentinos invadem nossas mentes enquanto nos ocupamos das mais diversas tarefas, pensamentos de Naziazeno atravessam-se intempestivamente naquela narrativa – nem sempre linear - que acompanhamos como se estivéssemos de fora: não estamos.

Durante toda a narrativa, vemos com os olhos de Naziazeno, que veem de acordo com a luz, ou a ausência dela, e vão recortando cenas e pessoas. O bonde vira um feixe de luz, os companheiros e outras pessoas que cruzam seu caminho viram dorso, mão, chapéu. Esse filtro provoca uma desfiguração ou uma reconfiguração dos elementos, detendo-se em suas partes. Os recortes assumem espaço de totalidade na perspectiva do protagonista, e, por vezes, estão na iminência de engoli-lo.

Junto a Naziazeno, em sua *via crucis*, o leitor assiste às imagens distorcidas da realidade circundante apresentarem-se diante dos olhos, já que o íntimo do protagonista, em estado extremo de tensão, transborda para o mundo objetivo. Logo, o entorno de Naziazeno é deformado por suas angústias, e vê até mesmo o sol escaldante em forma de moeda em brasa, do dinheiro tão desejado. É essa perspectiva deformada que vai desenhar todo o espaço em que a narrativa se desenvolve, assim como dá os contornos do modo como o próprio autor configura sua escrita.

A Porto Alegre dos anos trinta que nos é apresentada em *Os Ratos* tem muito pouco de clareza descritiva, de referências espaciais precisas ao longo das intermináveis andanças do protagonista. A cidade vai sendo traçada aos poucos, conforme as vivências de Naziazeno, isto é, conforme o modo como ele experimenta os espaços dessa cidade, e dessa dinâmica vem o contorno que o ambiente toma.

Assim como podemos acompanhar em alguns momentos do romance, Naziazeno é um homem que experimenta grande saudade da vida mais calma e das relações mais humanas presentes no campo. Às suas memórias – por vezes amargas –, imiscuem-se nostalgias que já não podemos identificar – assim como ele – se se tratam realmente de memórias ou se são frutos de uma idealização daquele lugar em que ele estaria a salvo, antes mesmo da necessidade de qualquer atitude ou providência.

Trata-se, portanto, de um homem cidadão que não se sente adaptado ao espaço em que habita. Por isso, seu entorno traz permanente sensação desconcertante de solidão, de não pertencimento. Logo no início da narrativa, imaginamos que a família é o centro da preocupação do protagonista. Decorrida alguma leitura, percebemos que a questão dele é antes pagar ao leiteiro que alimentar o filho. Sua dívida é a grande preocupação que mantém sua caminhada, marcada pela inconstância de quem, a todo momento, parece querer desistir, mas logo volta a tentar. Essa dívida é a marca de sua incompetência, de sua inferioridade perante os vizinhos, a mulher, os companheiros, os desconhecidos que o espreitam misteriosamente. É diante dos olhos dos outros que Naziazeno “estremece, como se um holofote subitamente o iluminasse” (MACHADO, 1966, p. 29), e então vem o julgamento, que não necessita de uma palavra sequer do outro, já que se faz rigidamente presente em seu próprio espírito.

Naziazeno é, conforme Arrigucci, um homem “perseguido pela própria privação” (ARRIGUCCI, 2004, p. 203) e pela preocupação renitente com a opinião alheia sobre sua situação financeira que beira a in-

dignidade. Para se ver livre desse enorme peso é que o protagonista inicia sua errância em busca de solução para seu problema. Conta com a solidariedade: dos amigos que só lhe podem oferecer seus métodos de sobrevivência, e daqueles que possuem mais que ele, mas não o ajudam. E segue caminhando. Conforme se depara com negativas que o surpreendem, sua busca vai-se tornando cada vez mais solitária, e sua salvação cada vez mais à mercê do acaso.

A procura de Naziazeno pelo dinheiro vai além da preocupação com a falta do leite. Ao saldar essa dívida, ele busca se livrar da angústia trazida pelo débito, pela pendência, pela cobrança iminente da família que sentirá falta do alimento, do leiteiro que deseja receber seu pagamento - e que poderia trazer-lhe alguma má fama -, e dos olhos judicativos dos vizinhos que Naziazeno sente pesados sobre si, que o condenam por não poder pagar por um produto tão básico.

O prazo do personagem parecia ser, a princípio, suficiente, já que contaria com a solidariedade que encontraria logo nas primeiras tentativas. Conforme as horas passam, Naziazeno começa a perceber que as vinte e quatro horas são recurso exíguo, que escasseiam do mesmo modo que o fazem seu dinheiro e sua energia, debilitada durante o desenrolar de uma exaustiva busca que exclui pausas para alimentação ou descanso.

Ao longo do romance, o leitor vai, portanto, acompanhando o esgotamento em múltiplas perspectivas de Naziazeno: seu tempo, seu dinheiro, pessoas que poderiam ajudá-lo, seus expedientes, suas forças. Junto às suas sucessivas derrotas, a cidade que lhe serve de cenário vai perdendo a luz com a saída gradativa e ininterrupta do sol, suas portas vão sendo fechadas, o barulho vai-se amenizando, os passantes vão-se dirigindo à casa ou aos bondes a fim de se recolherem. Assim como a fortuna, a cidade vai-se fechando a Naziazeno, viram-lhe as costas, deixando-o ainda mais sozinho ou simplesmente realçando sua irremediável solidão. Há aí um profundo conflito, já que o ímpeto para uma busca ininterrupta e infinita de Naziazeno esbarra nos limites que o tempo e o ritmo estranho da cidade impõem.

A essa altura, torna-se ainda mais manifesta a aproximação da intimidade do protagonista com o animal que dá título ao romance: Naziazeno está acuado como um rato e, com o passar do tempo e o encadear das investidas frustradas, mais diminuído moralmente, mais enfraquecido fisicamente e mais ciente de sua paupérie. Tal qual esse animal que revira restos e esconde-se em lugares imundos e sombrios, Naziazeno sente-

se enfeitado, percebe sua vida correndo à margem daquilo que seria normal e digno.

A animalização das atitudes humanas na busca pelo dinheiro e mesmo no *modus vivendi* dentro do centro urbano em expansão nos revela uma postura crítica do autor diante desse cenário. A analogia com os ratos está na miudeza dos gestos mesquinhos dos homens de dinheiro, nos olhares furtivos dentro do convívio citadino, nos gestos curtos e rápidos que acompanham a pressa do entorno, nos homens que, num lance de olhar, são só dorso.

Portanto, percebemos que os ratos que vêm dificultar ainda mais o sono de Naziazeno ao final do romance estão, na verdade, presentes ao longo de toda a narrativa, representados nas escolhas semânticas para caracterizar, por exemplo, o trabalho repetitivo e impessoal dentro das repartições públicas - Naziazeno mesmo trabalha em uma, como copista -, a movimentação dos cidadãos anônimos pela cidade grande, os jogadores no cassino, os homens de dinheiro com os quais o personagem tem contato em busca de solução para sua questão e, finalmente, seus amigos, que buscam ajudá-lo nessa jornada. Gestos miúdos e sorrateiros, ruídos discretos, passinhos ligeiros, o olhar desconfiado que investiga a segurança em volta como precaução que antecede a ação, o ato instintivo de buscar alimento - por vezes sob a forma do dinheiro -, enfim: os ratos são a metáfora central para a caracterização do modo como funciona essa sociedade que Dyonélio nos traz sob seu foco crítico.

É no próprio texto de Dyonélio Machado que lidamos com esses pequenos animais sorrateiros. Como vemos em Arrigucci:

(...) o próprio discurso mimetiza a figura do rato, torna-se entrecortado, miudinho, entranhando na tessitura fina do texto o gesto do roedor que se reduz o ato humano da procura pelo dinheiro. A progressiva intromissão do reino animal na terra dos homens sugere a rachadura da realidade por onde o grotesco terrível penetra em nosso mundo (Ibid. p. 204).

Logo, o autor de *Os Ratos* destaca, diante de olhos já acostumados, o “grotesco terrível” que deveria saltar aos olhos, mas que nem sempre é percebido na proporção de sua discrepância. Retrata a degradação do indivíduo que, em meio a uma forte opressão material, é tolhido em sua criatividade, em sua crítica, em seu prazer, e vive para metas. O discurso entrecortado, as ações e gestos fracionados, os capítulos curtos dentro do romance são signos desse contexto de miudezas que nos traz

Dyonélio Machado e que submete Naziazeno a um viver tacanho e de profundo isolamento.

A busca de Naziazeno é regida o tempo todo pelo acaso, já que, muitas vezes, o protagonista parece se abster das tomadas importantes de decisão diante de seu próprio destino e deixa-se levar pelo desenrolar irresponsável das situações. E quando o faz, repetidamente se depara com a lógica da sorte, que é o imprevisito, com o qual, paradoxalmente, não conta.

Isso fica muito claro, por exemplo, nos capítulos doze e treze, em que acompanhamos a tentação pela qual o protagonista passa: apostar a pequena quantia de cinco mil réis conseguida com um conhecido com a finalidade declarada de almoçar, a fim de multiplicá-la. O autor dedica todo o capítulo doze ao turbilhão de ideias que passam pela cabeça de Naziazeno sobre o melhor a fazer com o dinheiro, até que decide apostá-lo na roleta. Ganha mais dinheiro, cede à tentação de jogar ainda mais e, quem sabe, multiplicar incrivelmente sua quantia. Perde tudo em um lance de “tudo ou nada”.

Ao perder no jogo todo o dinheiro que conseguira com Costa Miranda e voltar à estaca zero, o protagonista experimenta em pequena escala aquilo que se apresenta marcadamente ao longo de toda sua vida, cuja amostra de vinte e quatro horas acompanhamos: a submissão ao acaso, que parece nunca conceder-lhe o benefício do caminho mais fácil.

Por vezes, temos a impressão de que a passividade de Naziazeno embasa-se em algum princípio lógico. Parece-nos então que ele crê que a aridez de sua vida vem num crescendo rítmico de modo que teria que haver um apogeu, isto é, um ponto limite – limite do suportável, do aceitável - rumo ao qual deve perseverar, já que, após sua superação, sua situação se atenuaria até voltar a um equilíbrio – talvez aos moldes daquela harmonia que encontra no passado idealizado que eventualmente é suscitado em suas memórias.

Tal impressão se forma e fortalece ao observarmos esse seu modo de agir que vimos discutindo, com que ele se deixa levar pelo desenrolar das situações, sem muito interferir. Há sua crença constante em um golpe de sorte iminente, seja uma boa-alma que se vá comover com sua situação, seja a boa ventura em uma roleta, ainda que os indícios lhe provem insistentemente o contrário. Com a derrota no jogo, fica mais uma vez evidente que a espera pela solução mágica é inútil, e que sua esperada

redenção, se vier, ainda demora. Mas o protagonista parece estar tão envolvido em seus pensamentos, que não pode lidar com evidências.

Desse modo, sente-se todo o tempo em desajuste com seu entorno, como um elemento estranho que, não por acaso, se sente permanentemente observado e julgado por olhos que muitas vezes não estão senão em sua mente. Diz-nos Arrigucci:

Desamparado num mundo hostil, ele se vê sempre vigiado, ameaçado, como se os espreitassem por toda fresta. (...) por todos os lados, está à mercê de “olhos devassadores”. E a todo instante sente-se pressionado a esgueirar-se como um rato. Aí se entende que sua busca é também uma tentativa desesperada de evasão: perseguidor forçado, na verdade é um grande perseguido (*Ibid.*, p. 205).

Sendo assim, Naziazeno tem para si uma missão que o oprime, pois sente que a seu redor há uma plateia severa, observando e avaliando seu desempenho a cada ato. Esses “olhos devassadores” veriam, além dos resultados objetivos de suas atitudes, seus pensamentos menos gloriosos, seus medos, sua covardia, sua letargia, sua ingenuidade, em suma, tudo aquilo que prefere que não saibam, mas que tanto o incomoda.

Ao fugir dos olhos da família, dos vizinhos, dos passantes, de conhecidos e também de desconhecidos, Naziazeno teme ser descoberto em sua farsa mais íntima: agir como se estivesse no controle. Prefere não se ver desnudado no reflexo dos olhos dos outros daquele modo que, se não se sabe com certeza, ao menos se intui fortemente: um “perdedor nato na roleta da vida” (*Ibid.*, p. 206), ainda segundo Arrigucci. Exatamente por isso, delega aos mais hábeis – como figura principal, o Duque – a objetividade dos trâmites para chegar à solução de seu problema imediato.

Nessa pequena apresentação do romance, já pudemos perceber a infinidade de enfoques que somos instigados a adotar em nosso estudo. Mas estamos lidando com uma obra que permaneceu, por muito tempo, deixada de lado dentro do cenário literário nacional, apesar de ter sido aquela com que Dyonélio Machado foi mais reconhecido em sua carreira.

Justamente por ter sido considerado um “escritor maldito”, até sua redescoberta nas décadas de 1970 e 1980, não é fácil ter acesso à fortuna crítica de Dyonélio Machado, inclusive pelo fato de essa não ser muito ampla. O estudo de um escritor pouco contemplado pela crítica apresenta uma grande dificuldade, que é certa escassez de ideias elaboradas e aprofundadas ao buscarmos a aproximação com sua obra. Por outro lado, surge interessante oportunidade de mergulhar nas infinitas possibilidades

que o texto do autor abre em sua riqueza. Daí o grande desafio e o grande prazer deste estudo literário.

Esperamos, com este ensaio, convidar leitores, dentro e fora do âmbito acadêmico, a conhecer e apreciar a obra desse importante autor de literatura brasileira.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIGUCCI JR, Davi. O cerco dos ratos. In: MACHADO, Dyonélio. *Os ratos*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004.

GONÇALVES, Aline Pereira. Naziazeno Barbosa, um homem profundamente cordial na obra de Dyonélio Machado. In: *Cadernos do CNLF*, Vol. XIV, nº 4, t. 3, p. 2874-2882.

\_\_\_\_\_. *O rato que vê, o olho que rói*: um estudo multifocal de *Os Ratos*, de Dyonélio Machado. Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010, 109 f.

MACHADO, Dyonélio. *Os ratos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

STEEN, Edla van, *Viver & escrever*: volume 2. Porto Alegre: L&PM, 2008.